

# A avaliação nas diferentes etapas da Educação Básica

Ana Cristina dos Santos Alves<sup>1</sup>, Cintia Bueno Marques<sup>2</sup>,  
Maria Rita Bertollo<sup>4</sup>, Shirley Sheila Cardoso<sup>5</sup>

## Resumo

A avaliação é prática pedagógica que tem como finalidade o diagnóstico e o acompanhamento contínuo e reflexivo do desenvolvimento do currículo e do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação pressupõe sempre o constatar, o agir e o melhorar. O professor deve levar em conta que o trabalho é desenvolvido por áreas do conhecimento e, portanto, a avaliação também deve apresentar-se dessa forma. Os instrumentos avaliativos devem ser coerentes, diferenciados e adequados, de maneira a garantir a qualidade desse importante processo. Cada nível de ensino e cada ano tem suas especificidades e devem ser consideradas pelo professor, levando em conta os aspectos pertinentes à escolaridade e à faixa etária dos estudantes. Um bom instrumento avaliativo deve apresentar questões nos níveis básico, adequado e avançado, evidenciando o desenvolvimento das competências previstas para o período. A valorização das diferentes aprendizagens se faz necessária, percebendo o estudante como um todo, isto é, de acordo com suas potencialidades e nas diferentes áreas do conhecimento. A avaliação deve ser tanto das competências acadêmicas quanto das políticas, ético-estéticas e tecnológicas, contemplando as relações interpessoais, as atitudes que expressem os valores cristãos e a formação de hábitos saudáveis.

**Palavras-chave:** Avaliação. Diagnóstico. Competência. Questões Contextualizadas.

1 Mestre em Letras. Assessora da Área de Linguagens da Gerência Educacional.  
2 Doutora em Educação. Assessora Pedagógica da Gerência Educacional.  
4 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino. Supervisora pedagógica dos Anos Iniciais da Gerência Educacional.  
5 Mestre em Educação. Supervisora pedagógica dos Anos Finais e EM da Gerência Educacional.

## 1 Introdução

Avaliar por competências e habilidades nos diferentes níveis de ensino exige um novo olhar do educador sobre o seu fazer pedagógico, pois o tratamento dado às informações é determinante na forma do seu desenvolvimento e, conseqüentemente, na avaliação. Dessa maneira, o conteúdo passa a ser um meio e não um fim, pois nessa perspectiva o professor deverá dar ênfase à aplicação dos conhecimentos em situações reais e concretas, do que meramente verificar se ele memorizou a informação.

Nessa dimensão, cada sujeito tem um percurso pessoal que deve ser conhecido e considerado, sendo que o acompanhamento de sua aprendizagem é uma das formas de valorizarmos apenas o resultado, mas todo o caminho percorrido e construído pelo sujeito e pelo grupo no seu processo de aprendizagem.

Considerando que cada nível de ensino tem suas especificidades, o texto a seguir destaca sugestões que devem ser consideradas em todo o processo avaliativo, bem como no momento de elaboração das questões e da aplicação dos instrumentos, em cada ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Apresenta também o modelo de Ficha avaliativa trimestral para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º a 5º ano) com algumas ressignificações, visando uma maior clareza e eficiência na comunicação dos resultados, apresentando as competências trabalhadas nas quatro áreas do conhecimento e as habilidades delas advindas, destacadas em forma de indicadores.

## 2 Como expressar as habilidades e competências que estão sendo avaliadas nos diferentes níveis de ensino?

### 2.2 Anos Iniciais do Ensino Fundamental

A avaliação é prática pedagógica que tem como finalidade o diagnóstico e o acompanhamento contínuo e reflexivo do desenvolvimento do currículo e do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação baliza, legitima, regula e emancipa o processo de ensino e aprendizagem (*Projeto Educativo*, p. 88).

Nessa dimensão, cada sujeito tem um percurso pessoal que deve ser conhecido e considerado, sendo que o acompanhamento de sua aprendizagem é a única forma de valorizarmos não apenas o resultado, mas todo o caminho construído pelo sujeito e pelo grupo no seu processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação pressupõe três movimentos: o constatar, o agir e o melhorar. Em relação aos tempos de ensinar e de aprender, as estratégias e instrumentos avaliativos devem ser diferenciados, coerentes e adequados, de forma a garantir a qualidade desse importante processo.

A constatação é momento importante do processo avaliativo, pois irá subsidiar as etapas seguintes

de agir e melhorar. Nos anos iniciais, ela acontece no dia a dia com a observância apurada, constante e acolhedora do professor. Além disso, conta com outros instrumentos específicos, realizados pelos estudantes, que complementam a observação do professor.

As observações, enquanto método avaliativo, devem ser registradas em fichas, previamente elaboradas, pois o professor deve planejar o que pretende analisar naquele momento, mediante os critérios estabelecidos. De posse desses dados, o professor prevê a continuidade de sua ação e dessa forma se efetiva o caráter diagnóstico da avaliação.

Quanto aos demais instrumentos a serem realizados pelo estudante, pode-se afirmar que são de fundamental importância para que retratem o crescimento, bem como as dificuldades enfrentadas pelo estudante desde o início do ano letivo, até a sua conclusão. Tais instrumentos confirmarão as observações realizadas pelo professor e consistirão em subsídios de apoio na elaboração de pareceres e expressão dos resultados alcançados.

Atenção e cuidado especial devem ser dedicados no momento da elaboração dos instrumentos avaliativos, sendo que, ao planejar as questões, o professor deve levar em conta que o trabalho é desenvolvido por áreas do conhecimento e, portanto, a avaliação deve também acontecer dessa forma, contemplando:

- a) o desenvolvimento das competências e habilidades;
- b) a elaboração de questões que privilegiem operações mentais de diferentes níveis (básico, operacional e global).

Na elaboração dos instrumentos avaliativos vale destacar também a importância da observação de alguns princípios norteadores:

- a) a avaliação deve ser cotidiana e não apenas em situações formais no final do trimestre, assumindo caráter diagnóstico e não meramente classificatório;
- b) a avaliação deve ter caráter diagnóstico, formativo e deve perpassar todo o processo e não ser apenas um produto final;
- c) a valorização das diferentes aprendizagens se faz necessária, percebendo o estudante como um todo, isto é, de acordo com suas potencialidades e nas diferentes áreas do conhecimento;
- d) a valorização daquilo de que as crianças são capazes deve ser prevista no instrumento e não somente aquilo que lhes falta;
- e) a avaliação do crescimento do estudante deve ser vista sempre em relação a ele mesmo, o quanto cresceu, o quanto mudou, valorizando e considerando seus progressos pessoais;
- f) a mudança de visão frente ao erro da criança, interpretando-o como importante oportunidade de compreensão da construção da aprendizagem e crescimento;

- g) a avaliação tanto das habilidades referentes às competências acadêmicas quanto das habilidades referentes às competências políticas, ético-estéticas e tecnológicas, contemplando as relações interpessoais, as atitudes que expressem os valores cristãos e a formação de hábitos saudáveis;
- h) a avaliação deve ser entendida como uma atividade que faça parte do cotidiano do estudante, sem criação de momentos especiais ou semanas de provas.

Cada ano de ensino tem suas especificidades e estas devem ser consideradas, levando em conta os aspectos pertinentes à escolaridade e à faixa etária dos estudantes. É evidente que o formato e modo de aplicação e demais situações exigidas na hora da elaboração de um instrumento avaliativo diferenciam, por exemplo, de um primeiro para um quinto ano. Por essa razão, passamos a destacar aspectos importantes que devem ser levados em conta na elaboração de instrumentos avaliativos, em cada ano do Ensino fundamental.

### **2.1.1 1º ano do Ensino Fundamental**

Considerando que no primeiro ano os estudantes têm em média seis anos e que até então não eram avaliados formalmente por instrumentos, é de suma importância que não seja criada expectativa em torno desse momento.

A avaliação faz parte do dia a dia, e o estudante não precisa mudar de atitude ou ser preparado para tal. Isso só atrapalhará e deixará a criança nervosa e insegura, por isso deve ser evitado. A avaliação deve ser realizada como uma atividade normal, do cotidiano da sala de aula.

Durante o primeiro ano, o processo de aquisição da leitura e escrita acontece ao longo do ano letivo. É fundamental que essa verdade seja considerada. Atividades orais para verificação do nível de consciência fonológica dos estudantes são importantes e necessárias e devem ser realizadas. Entretanto, o professor deve estar atento para a participação dos estudantes, registrando sua percepção sobre o desempenho de cada um em ficha específica.

O mesmo deve acontecer em relação à avaliação na área de Matemática. A observação durante a realização de jogos, brincadeiras no pátio e simulações de situações do cotidiano, que envolvam noções numéricas e espaciais devem ser promovidas a fim de avaliarmos a apropriação por parte dos estudantes dos conceitos matemáticos.

O raciocínio lógico, a resolução de problemas de forma individual e coletiva e o trabalho com a exposição oral em língua materna das ideias matemáticas devem constituir importantes formas de avaliar, além das propostas escritas.

Cabe salientar ainda que, avaliar no primeiro ano do ensino fundamental, em Matemática, deve levar em consideração a exploração em nível crescente de dificuldade, as operações mentais de classificação e seriação.

Espera-se, portanto, que o professor, ao elaborar suas propostas de atividades de sala de aula, pense simultaneamente na proposta de avaliação. Ou seja, que na ação do estudante, que se coloca a aprender, por meio da manipulação, do jogo, do desafio lógico-matemático, do *software*, entre outros, já aconteça a avaliação do professor pautada em critérios claros, pensada previamente por ele, construída a partir dos indicadores de cada competência a ser desenvolvida no primeiro ano.

Sabe-se que, mesmo o professor sendo um bom observador, sem sistematização dos registros não é possível realizar uma avaliação justa e real de cada estudante. Por isso, adotamos a postura de realização de instrumentos escritos, que pressupõem a mediação e o acompanhamento da professora.

### **2.1.2 2º ano do Ensino Fundamental**

Nessa etapa da vida escolar, o estudante apresenta-se mais seguro e confiante, sendo que a continuidade do seu processo de alfabetização permite que a cada dia faça uso da língua materna com mais autonomia, domínio esse que repercutirá em todas as áreas do conhecimento.

Nesse momento, acontece a mudança da letra bastão (caixa alta) para a letra cursiva. Muita atenção e cuidado na produção dos instrumentos avaliativos, pois estes devem ser digitados ainda com o formato de letra (BASTÃO), facilitando a leitura e o entendimento das questões.

Da mesma forma que nos demais anos, a avaliação tem caráter diagnóstico e deve acontecer ao longo do processo, por meio de instrumentos diversos, que vão desde a observação até a aplicação de atividades escritas.

É fundamental que, nesse período, sejam utilizadas questões em que o estudante tenha condições de expressar o seu nível de desenvolvimento na leitura e interpretação de textos e o seu desempenho ortográfico que favorecerão a constatação do professor e a tomada das decisões para realização de futuras mediações mais focadas, precisas e adequadas em todas as áreas do conhecimento. Salientamos que somente a observação diária, sem os devidos registros é insuficiente para o professor emitir julgamentos a respeito do crescimento do estudante.

### **2.1.3 3º ano do Ensino Fundamental**

Nesse ano, o estudante já possui um nível de autonomia maior, tendo condições de realizar os instrumentos avaliativos com segurança. As atividades realizadas por área do conhecimento devem constituir-se de questões que privilegiem a expressão escrita, podendo também ter questões objetivas, desde que essas não prevaleçam sobre as demais.

Importante que nessa fase, as produções textuais sejam intensificadas, trabalhadas e organizadas de modo a constituírem-se também em um dos indicadores de análise de desempenho do estudante.

A inclusão de imagens, gravuras, gráficos, precedidos de situações-problema, contextualizados, que situem o estudante no que deve ser resolvido, bem como o uso de diferentes textos, são recomendados em todos os instrumentos avaliativos formais elaborados, nas quatro áreas do conhecimento.

A resolução de problemas deve ocupar lugar de destaque nos anos iniciais. Reportagens com gráficos de revistas e jornais podem ser utilizadas para contextualizar os conceitos a serem desenvolvidos. Na avaliação é conveniente lembrar que, por ser momento formativo, deve agregar conhecimento ao estudante, trazendo informações, notícias, manchetes, entre outros.

#### **2.1.4 4º ano do Ensino Fundamental**

As considerações referentes ao terceiro ano valem igualmente para o quarto ano, levando em conta, entretanto, que aqui, o volume de conteúdos nas áreas do conhecimento se amplia consideravelmente, exigindo mais dedicação e estudo individual por parte do estudante a fim de que desenvolva as competências e habilidades previstas.

Nesse sentido, faz-se necessário um esforço contínuo para que, ao elaborar questões para essa etapa de ensino, o conteúdo seja submetido a diferentes contextos, na forma de situação-problema, exigindo habilidades mais complexas para a resolução e não mera habilidade de memória.

O texto, nos seus diferentes gêneros, deve fazer parte da elaboração de questões nos instrumentos avaliativos de todas as áreas, sendo que questões objetivas podem aparecer em maior quantidade, prevalecendo ainda as questões dissertativas.

#### **2.1.5 5º ano do Ensino Fundamental**

O quinto ano se caracteriza pela finalização do ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É um importante momento da caminhada do estudante, quando se espera que estejam consolidadas as competências previstas para a etapa, conforme as Matrizes Curriculares.

É nesse ano que são realizadas as provas do Sistema Marista de Avaliação (SIMA) que se constitui de uma avaliação de larga escala, que fornece ao colégio dados relevantes sobre aspectos da aprendizagem do estudante, do ambiente escolar e contexto familiar, que influenciam os processos de ensino e aprendizagem.

Essas provas avaliam as competências e habilidades desenvolvidas ao longo dos anos Iniciais. É uma importante ferramenta de avaliação que possibilita ao colégio, através dos dados obtidos, uma reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Destacamos que, se os estudantes ao longo desse período forem bem desafiados, mediados e acompanhados, na maneira que o colégio optar, seja por sequência didática ou por projetos, partindo de situações-problema e priorizando o desenvolvimento de competências e habilidades e, ainda, sendo

submetidos a instrumentos avaliativos planejados, com questões diversificadas e contextualizadas, terão alcançado os objetivos desse importante ciclo, avançando para a próxima etapa do Ensino Fundamental com suas aprendizagens bem consolidadas.

## 2.2 Expressão dos Resultados nos Anos Iniciais

### Ficha de avaliação trimestral

Esse trabalho é realizado em conjunto com a Secretaria, como vinha sendo feito até agora: os professores elencam as competências e habilidades do trimestre, elaboram os indicadores em conjunto com os demais professores e monitores que atuam com os estudantes e enviam para a Coordenação Pedagógica que toma conhecimento, faz as devidas correções, valida e encaminha à Secretária.

A Secretária, de posse desses dados, organiza no sistema e libera para o professor fazer a digitação no portal, completando a coluna que contém as expressões: Aprendizagem desenvolvida, Aprendizagem em desenvolvimento e Apresenta dificuldades na aprendizagem.

A ficha é composta de quatro campos: o campo das competências e o campo dos indicadores. As competências referentes a cada componente curricular devem ser numeradas, sendo que os indicadores dela emanados continuam essa numeração, estabelecendo dessa forma uma relação e facilitando a compreensão de quem as lê.

Apresentaremos a seguir, exemplos de apenas duas áreas do conhecimento. Escolhemos uma área composta de quatro componentes, e uma área composta por um só componente curricular para visualizar a forma correta de numeração.

## Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

### Competência(s) de Língua Portuguesa

1. Utilização da língua materna para estruturação e compreensão da realidade.

Competência(s) de Arte:

2. Criação de narrativas visuais, gestuais e sonoras, explorando a dimensão estética da Arte, ampliando as possibilidades de imaginação.

Competência(s) de Língua Inglesa:

3. Emprego da língua em diferentes situações comunicativas como instrumento de interação, de negociação e de tomada de decisão em diferentes contextos sociais.

Competência(s) de Ed. Física:

4. Vivência dos movimentos corporais para ampliação da consciência corporal e do controle do movimento.

- 1.1. Diferencia comunicação verbal de não verbal.
- 1.2. Reconhece as letras do alfabeto.
- 1.3. Discrimina as formas das letras do alfabeto.
- 1.4. Discrimina os sons das letras.
- 1.5. Estabelece a relação fonema-grafema
- 2.1. Expressa-se com criatividade em suas produções artísticas.
- 3.1. Comunica-se oralmente em Língua Inglesa utilizando as formas mais simples de saudação/cumprimentos.
- 4.1. Vivencia jogos e brincadeiras explorando as suas possibilidades corporais de agilidade e equilíbrio.

## Área de Matemática e suas tecnologias

### Competência(s) de Matemática

- 1. Compreensão do significado das operações e dos procedimentos de cálculo mental ou escrito, de maneira exata ou aproximada pelos conhecimentos ou regularidades.
- 2. Identificação no espaço físico de formas geométricas bidimensionais e tridimensionais, seus elementos e suas características.
  - 1.1. Compõe e decompõe números naturais.
  - 1.2. Realiza leitura e escrita de números naturais.
  - 1.3. Realiza as operações de adição e subtração com reserva e retorno.
  - 1.4. Resolve cálculos, desafios e situações-problema que envolvam adição e subtração.
  - 1.5. Reconhece a multiplicação como a soma de parcelas iguais.
  - 2.1. Identifica características e padrões nas formas geométricas planas.
  - 2.2. Observa e percebe semelhanças e diferenças entre as formas geométricas planas.
  - 2.3. Constrói e representa formas geométricas planas do seu cotidiano.
  - 2.4. Identifica formas geométricas na natureza, nas artes e nas edificações através da análise de vistas.
  - 2.5. Interpreta, descreve e representa a posição de indivíduos ou objetos em movimentação no espaço a partir da análise de maquetes, esboços, croquis e itinerários.

Esses dois exemplos, nas áreas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias reforçam a necessidade da numeração da competência, de onde emanam os indicadores, destacando-se que deve haver coerência entre a competência destacada e os indicadores elencados no trimestre. Salientamos que as competências são as que compõem as matrizes curriculares.

Lembramos que se houver mais de uma competência, a lógica é a mesma, coloca-se outro número e os indicadores referentes àquela competência seguem normalmente. Isso estabelecerá relação e maior clareza entre a competência e os indicadores.

A escrita dos indicadores deve ser realizada com o verbo no tempo presente do Modo Indicativo, na 3ª pessoa do singular, por exemplo: apresenta, domina, realiza, lê, interpreta, compreende, reconhece, classifica, produz, etc.

Considerando que as Macrocompetências contribuem para a formação integral do sujeito-aprendiz, elas fazem parte dos indicadores referentes às diferentes áreas do conhecimento em que foram desenvolvidas, não havendo necessidade de criação de um campo específico para elas.

Três são os níveis em que os indicadores podem ser avaliados, e expressos da seguinte forma:

- aprendizagem desenvolvida;
- aprendizagem em desenvolvimento;
- apresenta dificuldades na aprendizagem.

Salientamos a responsabilidade e a seriedade no preenchimento dessa ficha, que deverá ser fiel e considerar o real potencial de desenvolvimento do estudante.

Há um espaço de aproximadamente oito linhas ao final da ficha, reservado para um breve parecer descritivo, onde deverá constar algo que mereça ser evidenciado/reforçado/destacado, que não constou nos indicadores. Nesse espaço, as palavras: "destaca-se, sugere-se ou ainda, o desafio do estudante é..." são oportunas e esclarecedoras para o estudante e sua família.

"Lembramos que o campo final (descritivo) não é opcional, devendo ser realizado para todos os estudantes do 1º ao 5º ano, evitando-se as frases feitas, do tipo "Confio no seu potencial". "Se continuar assim, obterá bons resultados", etc. Cada aluno possui sua individualidade e, portanto, merece um parecer próprio, específico, único e particular, que destaque suas potencialidades.

## **2.3 Anos Finais do Ensino Fundamental**

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a observação, no dia a dia, continua sendo subsídio importante à compreensão do nível de aprendizagem dos estudantes e ao planejamento do professor. Porém, devido à estrutura curricular dessa etapa de ensino, que prevê a divisão do tempo de aula em períodos distribuídos entre diversos professores e componentes, a observação não tem a mesma profundidade que nos anos iniciais, nem costuma ser tão individualizada. Além disso, torna-se mais difícil o registro das observações em sala de aula, considerando o número de estudantes e suas características. Nesse sentido, os outros instrumentos avaliativos realizados, como provas, trabalhos, etc., tomam maior proporção, e as observações passam a constituir mais um complemento qualitativo no processo avaliativo.

Quanto aos demais instrumentos a serem realizados pelo estudante, pode-se afirmar que são de fundamental importância para que retratem o crescimento, bem como as dificuldades enfrentadas por ele desde o início do ano letivo, até a sua conclusão. Tais instrumentos confirmarão as observações realizadas pelo professor e serão subsídios de apoio na elaboração de pareceres e expressão dos resultados alcançados.

Atenção e cuidado especial devem ser dedicados no momento da elaboração desses instrumentos avaliativos, sendo que, ao planejar as questões, o professor deve levar em conta que o trabalho é desenvolvido por áreas do conhecimento e, portanto, a avaliação deve também acontecer dessa forma, contemplando:

- o desenvolvimento das competências e habilidades;
- as operações mentais de diferentes níveis (básico, adequado e avançado).

Na elaboração dos instrumentos avaliativos vale destacar também a importância da observação de alguns princípios norteadores:

- a) A avaliação deve ser cotidiana e não apenas em situações formais no final do trimestre, assumindo caráter diagnóstico e não meramente classificatório.
- b) A avaliação deve ser entendida como uma atividade que faça parte do cotidiano do estudante, sem criação de momentos especiais ou semanas de provas.
- c) A valorização das diferentes aprendizagens se faz necessária, percebendo o estudante como um todo, isto é, de acordo com suas potencialidades e nas diferentes áreas do conhecimento.
- d) A valorização daquilo de que as crianças são capazes deve ser prevista no instrumento e não somente aquilo que lhes falta.
- e) A avaliação do crescimento do estudante sempre em relação a ele mesmo, o quanto cresceu, o quanto mudou, valorizando e considerando seus progressos pessoais.
- f) A mudança de visão frente ao erro da criança, interpretando-o como importante oportunidade de compreensão da construção da aprendizagem e crescimento.
- g) A avaliação tanto das competências acadêmicas quanto das competências políticas, ético-estéticas e tecnológicas, contemplando as relações interpessoais, as atitudes que expressem os valores cristãos e a formação de hábitos saudáveis.

Todo ano tem suas especificidades e estas devem ser consideradas, segundo os aspectos pertinentes à escolaridade e faixa etária dos estudantes. É evidente que o formato e modo de aplicação e demais situações exigidas na hora da elaboração de um instrumento avaliativo se diferenciam, por exemplo, do sexto para o nono ano. Por essa razão, passamos a destacar aspectos importantes que devem ser levados em conta na elaboração de instrumentos avaliativos, em cada ano do Ensino Fundamental.

### **2.3.1 6º ano do Ensino Fundamental**

O 6º ano EF exige dos educadores um olhar cuidadoso e diferenciado, considerando que muitas mudanças ocorrem na vida escolar do estudante nesse período, a começar pelo número de professores e pela dinâmica da prática educativa dos anos finais. A partir desse ano, a multiplicidade de professores e com eles suas metodologias, didáticas e processos avaliativos imprimem um caráter novo e complexo, exigindo do adolescente uma postura de mudança frente à sua vida escolar.

Encontra-se na avaliação a principal mudança, sendo que a expressão dos resultados muda significativamente, passando de indicadores de aprendizagem para notas e com elas uma variedade de instrumentos avaliativos. Assim, faz-se necessário que, desde o início do ano letivo, esses estudantes sejam orientados e esclarecidos quanto à composição de notas, seus cálculos e, posteriormente, em caso de não lograr êxito, a participação nos estudos de recuperação. Recomenda-se a organização de calendário de provas com especificação do que deve ser estudado.

Frente a essa nova rotina de estudos e as mudanças na adolescência, a parceria entre família e escola é fundamental nesse ano, na medida em que vão sendo trabalhados a autonomia, a responsabilidade, o protagonismo e a emancipação desses estudantes .

Cabe aos professores um trabalho em equipe, com planejamento em conjunto, estabelecimento de critérios comuns de modo a facilitar a adaptação do estudante proveniente da unidocência a essa nova etapa de ensino.

### **2.3.2 7º ano do Ensino Fundamental**

No 7º ano os estudantes encontram-se numa fase já mais adaptada nos anos finais, já conseguem se organizar e ter clareza das suas atribuições e rotinas. Lidam com mais tranquilidade e equilíbrio com seus compromissos e tornam-se mais protagonistas, seja nas tarefas escolares, nos projetos do colégio ou nos grupos de representatividade (PJM, Voluntariado, Crisma, Gincanas, Grêmios, Liderança).

Ao mesmo tempo, em alguns momentos corre-se o risco do envolvimento ser demasiado com essas atividades e deixarem de lado a rigorosidade nos estudos, assim, o acompanhamento dos pais e professores é de extrema relevância para que o foco de trabalho seja preservado. Nessa fase, os estudantes estão constituindo sua identidade de adolescente e as manifestações são das mais diversas ordens: insatisfação, rebeldia, felicidade, maturidade, melancolia, etc.

Quanto ao conteúdo, estão mais convictos dos hábitos de estudos e da necessidade da dedicação, apesar de eles se intensificarem e complexificarem. Tornam-se necessárias aulas interdisciplinares e contextualizadas, projetos, sequências didáticas que retratem o contexto e a curiosidade do adolescente.

### **2.3.3 8º ano do Ensino Fundamental**

Nesse ano, além da maturidade e da adaptação no nível de ensino, os estudantes tornam-se mais críticos e fazem da escola e da sala de aula parte integrante do seu convívio, tornando-se um ponto de apoio (ou de refúgio). A sala de aula representa para os adolescentes um lugar de encontro, um dos poucos em que podem ir e vir, um espaço privilegiado de socialização.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem, torna-se fundamental nessa fase a relação professor e estudante, uma vez que esta é, em grande parte, a peça-chave de toda a dinâmica que se estabelece em sala de aula, assim como na relação que o adolescente estabelece com o saber.

A falta de interesse relaciona-se, muitas vezes, a um distanciamento dos conteúdos programáticos em relação às vivências e experiências que esses adolescentes almejam.

Nesse aspecto, como estão na adolescência, devemos considerar que eles se encontram na idade da busca de uma identidade própria, muitas vezes baseada na opinião do grupo sobre eles e gerada por meio de conflitos estabelecidos entre os adultos que os cercam. Assim, o professor, estando à frente desses estudantes, torna-se um alvo muito próximo para esse conflito em que precisa estar atento aos enfrentamentos a que os estudantes o submetem, na tentativa de ser o mediador na relação de ensino e aprendizagem.

### **2.3.4 9º ano do Ensino Fundamental**

Nesse ano, a aprendizagem se consolida e assume um caráter já preparatório para a próxima etapa, o Ensino Médio. A assentamento dos saberes acontece de forma sistemática, em que os conteúdos vão sendo construídos a partir da relação com os anos anteriores. Há uma preocupação, em momentos até exagerada, em que esse adolescente esteja 'preparado' para o Ensino Médio, ocasionando, por vezes, certa ansiedade, tanto nos estudantes como nos professores, dessa antecipação precoce. Cabe, nesse sentido, um olhar criterioso para o currículo dos anos finais, identificando o que de fato é necessário consolidarem no processo de ensino-aprendizagem.

Uma vez certificado dessas competências e habilidades que precisam estar solidificadas no segmento de ensino (anos finais), cabe ao corpo docente estruturar um planejamento que aponte claramente os percursos metodológicos, formativos e avaliativos que irão seguir para concluir essa etapa.

## 2.4 Ensino Médio

O **estudante** marista é sujeito de sua aprendizagem e tem como uma das funções articular os saberes construídos no espaço escolar com as experiências vividas, o que resulta na construção de novos conhecimentos e habilidades que os colocam em condições de agir e interagir na sociedade e em suas distintas realidades. (*Projeto Educativo*, 2010, p. 74)

O estudante que ingressa no Ensino Médio tem expectativas fundadas de ser um período de muitas descobertas e o início de tomadas de decisões que poderão mudar sua vida para sempre, pois é nessa fase que inicia mais fortemente uma cobrança dos pais, dos professores, da sociedade e do próprio adolescente de desenhar o futuro profissional.

Sabe-se que fazer os adolescentes participarem, interagirem, envolverem-se com sua aprendizagem é um grande desafio, e o professor acompanhar esse processo, então, exige que ele esteja atento às conquistas e fracassos de seus estudantes. Para isso, o sujeito-aprendiz deve ser exposto nas mais diferentes possibilidades de aprendizagens.

### **Cada ano do Ensino Médio tem as suas peculiaridades:**

#### **2.4.1 1º ano do Ensino Médio**

O estudante do 1º ano EM tem características clássicas de sentir-se já muito maduro por estar nessa fase, mas claramente ele está mais próximo do estudante do 9º ano do Ensino Fundamental do que do 3º ano do Médio. Essa ansiedade em crescer rapidamente é natural da juventude, mas pode atrapalhar o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. Assim, caberá também à escola o manejo com tanta diversidade entre o que "é" e o que "parece ser".

O estudante do 1º ano já tem um nível de criticidade mais apurado, mas ainda está em formação, precisando o professor ajudá-lo a entender as suas próprias escolhas, a responder aos seus "porquês". Nesse ano, as provas do Enem devem ser apresentadas aos estudantes, mas na medida certa, ou seja, não devem ser o único recurso avaliativo.

#### **2.4.2 2º ano do Ensino Médio**

O estudante do 2º ano do Ensino Médio tem outro perfil, está ainda mais maduro e crítico, agora já consegue ter mais claros o seu funcionamento e pensamento sobre as coisas que questiona.

Esse é um ano de transição, não são mais os "pequenos" do EM, nem são os concluintes, estão no

meio de um processo que se aproxima do fim. Arrisca-se em dizer que é uma série bastante densa em vários componentes curriculares e que exige muito do poder de concentração, organização e relação do que foi aprendido até o momento.

Quanto às escolhas, ainda estão muito diversificadas, alguns já têm certeza daquilo que pretendem fazer depois do Ensino Médio, enquanto outros ainda têm muitas dúvidas; não deixando de citar o grupo que não dimensiona ainda a importância dessa decisão.

### **2.4.3 3º ano do Ensino Médio**

O estudante do 3º ano EM, bem como os demais, tem as suas características, ao mesmo tempo em que deseja logo findar esse ciclo de sua vida, sabe que o tempo de escola, de "redoma", irá acabar, e todo ciclo que finda tem suas perdas e ganhos.

Esse é um ano em que as cobranças em relação ao seu futuro são muito enaltecidas, e o sujeito precisa decidir que rumo profissional irá tomar. Ao mesmo tempo em que muitos têm certeza daquilo que querem, outros tantos ainda não têm nem ideia, querem Medicina em um dia e Artes Plásticas no outro. O professor, mais uma vez, detentor de uma maturidade ímpar, precisará dar tranquilidade ao estudante, e mostrar, também, que decisões desse porte serão necessárias nesse momento. Esse sentimento de viver o último ano de escola gera em alguns, alegria, e em outros, muita angústia.

A Avaliação Externa não deverá definir a concepção da avaliação na escola, nem mesmo no último ano, pois ela é uma das referências, não a única.

## **2.5 E como avaliamos cognitivamente um estudante dessa faixa etária?**

Primeiramente, precisamos entender que esse adolescente precisa dar respostas individualmente e coletivamente, assim, será avaliado dessa maneira, sozinho e no grupo. Por que essa dicotomia? Porque o estudante enfrentará avaliações externas e ele, somente ele, poderá resolver os problemas propostos naquele momento. Na mesma proporção, também precisará resolver situações que dependam da colaboração dos outros; logo, saber trabalhar conjuntamente será vital na sua formação.

A Prática avaliativa deve ser coerente com as concepções dos documentos que embasam o trabalho do docente marista: Legislação Brasileira, Projeto Educativo Marista e Matrizes Curriculares. Conforme o Capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: [...] a avaliação da aprendizagem deverá ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno e com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. Assim, o professor deverá enxergar seu estudante como um "todo" e não como o resultado de um documento.

O professor precisará, então, conhecer o funcionamento desse indivíduo quando lhe for solicitado a reagir sozinho e também na coletividade; mas essas percepções não podem ser fruto de um instrumento, e sim de vários, lembrando que a avaliação é um processo contínuo, como foi referido e endossado anteriormente.

Os instrumentos de avaliação para todas as séries serão os clássicos, como as provas individuais e extensas, pois é dessa forma que o estudante será avaliado no Enem, por exemplo. Então, o educador não pode negligenciar um tipo de avaliação como essa, porque ela será decisiva para o estudante em poucos anos. Assim, o professor precisará apresentar formalmente ao estudante que ingressa no EM as provas externas que irão colocá-lo na Universidade. Sabe-se que deverá haver um equilíbrio, deve-se fazer esse tipo de prova, mas não "só" esse tipo de prova; várias estratégias e diferentes instrumentos deverão ser apresentados na formação desse sujeito.

Já as avaliações em duplas, trios ou grupos maiores precisarão ter seus objetivos muito bem desenhados e expostos aos estudantes para evitar a "colcha de retalhos" a que assistimos se formar nesse tipo de avaliação. O trabalho deve ser pensado no grupo. Será natural que cada um tenha uma função específica, mas isso não quer dizer que enquanto um estudante estiver desenvolvendo tal função não saiba o que seu colega está fazendo para alcançar seus objetivos que terão um fim maior, o todo, não as partes. Essa avaliação é também continuada, não deve ser uma proposta dada no dia 1º e recolhida no dia 30, por exemplo; o professor deverá disponibilizar momentos de supervisão para o grupo e saber como está o processo de construção para resolver o referido problema.

Finalmente, ter sempre latente a ideia de que o ato de escrever é para todas as áreas do conhecimento, ou seja, não é somente a área de Linguagens e especificamente o componente de Língua Portuguesa que deve exigir a escrita de seus estudantes. Todos devem exigir a escrita, solicitar aos seus estudantes que dissertem, que argumentem, que sintetizem, que concluam, que resolvam problemas por meio da expressão verbal escrita. Não se pode admitir um estudante passar todo o Ensino Médio somente marcando "X" em respostas que já estão dadas, prontas; ele precisa desenvolver habilidades para ser competente em escrever sobre qualquer assunto, nas diversas áreas do conhecimento.

## Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 24 nov. 2014.

MACEDO, Lino de. Situação-problema: forma e recursos de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In: PERRENOUD, Philippe, THURLER, Monica Gather. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a educação básica**. Brasília: UMBRASIL, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tessituras do currículo Marista: matrizes curriculares de educação básica: área de linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: UMBRASIL, 2014.

\_\_\_\_\_. **Tessituras do currículo Marista: matrizes curriculares de educação básica: área de ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: UMBRASIL, 2014.

\_\_\_\_\_. **Tessituras do currículo Marista: matrizes curriculares de educação básica: área de matemática e suas tecnologias e área de ciências da natureza e suas tecnologias**. Brasília: UMBRASIL, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.